

1º TRIMESTRE - 2026

REPORT



DE ROUBO DE CARGAS

nstech

Sumário

1. Introdução – Mapa do risco: o novo cenário do roubo de cargas e a escalada no Rio de Janeiro	3
2. Panorama nacional do roubo de cargas	4
3. O que mudou entre 1T25 e 1T26	5
4. Comparativo por tipo de carga e faixa de embarque	6
5. Comparativo por região	9
6. Comparativo por rodovia	10
7. Comparativo por estado	11
8. Comparativo por horário e dia da semana	13
9. Principais insights estratégicos	15
10. Cenário mês a mês	16
11. Características da criminalidade no Rio de Janeiro	19
12. Conclusão – Do diagnóstico à ação: o que o 1T26 ensina sobre o futuro da segurança logística	21

Introdução

Mapa do risco: o novo cenário do roubo de cargas e a escalada no Rio de Janeiro

O roubo de cargas no Brasil não só preocupa, como também evolui e está cada vez mais inteligente e estratégico.

Se 2025 já tinha sinalizado um redesenho do mapa do crime, o primeiro trimestre de 2026 confirma uma transformação profunda: o risco deixou de ser concentrado e previsível para se tornar dinâmico, seletivo e operacionalmente sofisticado.

A análise comparativa entre o 1T25 e o 1T26 mostra que não estamos falando apenas de uma variação nos índices de sinistralidade. O que está em curso é uma mudança estrutural no comportamento do crime logístico no país.

O que antes se organizava em torno de padrões relativamente estáveis, como concentração regional, predominância de determinados tipos de carga e janelas operacionais previsíveis, agora se apresenta de forma distribuída e adaptável.

Ainda que o Sudeste seja, historicamente, a região que protagoniza os prejuízos por roubo de cargas, é a escalada do Rio de Janeiro que mais chama a atenção.

O estado vem ampliando sua amarga liderança com percentuais crescentes e o cenário parece longe de representar estabilidade. Ao contrário: revela um ambiente em que o crime testa territórios, alterna alvos e reorganiza rapidamente sua atuação.

Além disso, o avanço expressivo de prejuízos envolvendo operações com medicamentos, que saltaram de uma participação marginal para uma das principais fontes de prejuízo, é um dos sinais claros dessa nova lógica.

Diante dos dados, fica claro que o foco dos criminosos não é mais o volume e sim o valor da carga e sua liquidez.

Essa migração tem implicações diretas para a segurança logística no Brasil. O risco se aproxima da última milha, se infiltra em operações urbanas e exige uma resposta cada vez mais baseada em inteligência, integração de dados, colaboração logística e capacidade de adaptação.

Mais do que mapear as ocorrências, é essencial, na logística atual, entender o comportamento das quadrilhas e agir com foco na prevenção.

Para ajudar na tarefa, o Report da nstech analisa os dados das operações monitoradas pela BRK, Buonny e Opentech ao longo do primeiro trimestre de 2026 em comparação com 2025, incluindo algumas referências de 2024.

O objetivo é claro: transformar informação em estratégia e, depois, em ação. Afinal, como você verá a seguir, uma coisa já está evidente: combater o roubo de cargas com base em modelos estáticos não é eficaz.

Aproveite a leitura!

Panorama do roubo de cargas e os avanços na gestão de risco

O primeiro trimestre de 2026 foi marcado por um aumento relevante na pressão sobre as operações logísticas no Brasil.

Com maior volume de cargas em circulação e um ambiente de risco mais dinâmico, o cenário exigiu não apenas capacidade de resposta, mas evolução na forma de prevenir e gerenciar ocorrências.

Mesmo diante do cenário desafiador, os dados mostram um avanço consistente em eficiência.

Entre janeiro e março de 2026, em operações monitoradas pelas gerenciadoras de risco do ecossistema nstech, foram evitados mais de R\$ 72 milhões em prejuízos, resultado direto de uma atuação integrada, precisa e orientada por dados.

Esse desempenho ganha relevância quando é analisado em paralelo ao crescimento da operação: no período, BRK, Buanny e Opentech gerenciaram mais de R\$ 550 bilhões em mercadorias, um aumento de 13% em relação ao primeiro trimestre de 2025.

Em outras palavras: a exposição ao risco aumentou, mas a capacidade de proteção evoluiu em ritmo superior.

Esse avanço também se reflete na recuperação de cargas. O volume recuperado cresceu 9% no trimestre, indicando maior eficiência na atuação em campo, maior agilidade nas respostas e melhor uso da inteligência operacional.

No entanto, o dado que melhor sintetiza essa evolução está na redução da sinistralidade. Mesmo com mais tentativas de roubo e maior circulação de cargas, o prejuízo final proporcional foi menor.

Isso mostra que a gestão de risco deixou de ser apenas reativa e passou a atuar de forma preventiva e estratégica.

Na prática, esse resultado representa operações protegidas, menor impacto financeiro para embarcadores e seguradoras e maior previsibilidade para toda a cadeia logística.

O desempenho é sustentado por uma combinação de fatores: tecnologia embarcada, monitoramento contínuo, rastreamento avançado, inteligência de rotas e atuação coordenada das equipes de gerenciamento de risco.

Em um cenário em que o crime está cada vez mais organizado e adaptável, a eficiência na gestão de risco passa a ser um diferencial competitivo. E os resultados do primeiro trimestre de 2026 mostram que, mesmo com o aumento da complexidade, é possível avançar.

Afinal, cada prejuízo evitado ou carga recuperada não é apenas um número, é uma operação que seguiu seu fluxo, uma mercadoria que chegou ao destino e um risco que foi neutralizado antes de se concretizar.

O que mudou entre 1T25 e 1T26 - Análise detalhada

Com base na evolução do cenário de risco no primeiro trimestre de 2026 não restam dúvidas: é essencial aprofundar a análise dos dados para entender o que aconteceu no mapa da sinistralidade, como os sinistros ocorreram, por que a criminalidade segue aumentando e, principalmente, como evitar os prejuízos.

A comparação entre o primeiro trimestre de 2025 e o de 2026 revela movimentos que vão além da variação dos indicadores. O Report da nstech expõe uma reconfiguração do comportamento do crime, dos alvos prioritários e das dinâmicas operacionais.

É a partir dessa leitura detalhada que iremos identificar padrões, antecipar tendências e ajustar estratégias de forma assertiva.

Confira a seguir os principais dados e insights.



Tipo de carga

*Percentual por valor de prejuízo



Diversos/Fracionado

36,6%

1 TRI 25 28,4%
1 TRI 24 57%



Medicamentos

22,3%

1 TRI 25 1,7%
1 TRI 24 0,2%



Alimentício

21,9%

1 TRI 25 23,6%
1 TRI 24 24,8%



Têxtil

5,3%

1 TRI 25 NA%
1 TRI 24 1,1%



Cigarros

3,7%

1 TRI 25 34,1%
1 TRI 24 6,8%



Eletrônicos

3,2%

1 TRI 25 5,4%
1 TRI 24 5,4%



Higiene e Limpeza

2,8%

1 TRI 25 3,4%
1 TRI 24 0,6%



Siderúrgico

2,3%

1 TRI 25 NA%
1 TRI 24 NA%



Químico

1,2%

1 TRI 25 0,4%
1 TRI 24 1,1%



Pneu

0,7%

1 TRI 25 NA%
1 TRI 24 2,6%



Defensivo Agrícola

NA%

1 TRI 25 2,4%
1 TRI 24 0,2%



Bebidas

NA%

1 TRI 25 0,6%
1 TRI 24 NA%



Eletrodoméstico

NA%

1 TRI 25 NA%
1 TRI 24 0,2%

Medicamentos

- O primeiro trimestre de 2026 marca uma ruptura clara no perfil do roubo de cargas no Brasil.
- Entre os diferentes segmentos, o dado mais relevante no período é o salto expressivo dos prejuízos em operações de medicamentos.
- O percentual saiu de 1,7% no 1T25 para 22,3% no 1T26, um crescimento de mais de 20 pontos percentuais. Em 2024, esse número era praticamente irrelevante (0,2%).
- Os dados revelam uma mudança estrutural: o crime está migrando para alvos altamente específicos, de alto valor e liquidez.

Cargas fracionadas e alimentos

- Os prejuízos envolvendo o roubo a cargas fracionadas voltaram a crescer (36,6% vs. 28,4% em 1T25), mas ainda estão abaixo do patamar de 2024 (57%).
- Isso indica que o fracionado continua sendo uma base do risco, mas já não é mais o único foco.
- Nas operações do segmento alimentício, o percentual de prejuízos vem registrando leve queda ano a ano, na comparação entre os trimestres, mas ainda se mantém acima dos 20% de participação no valor sinistrado.

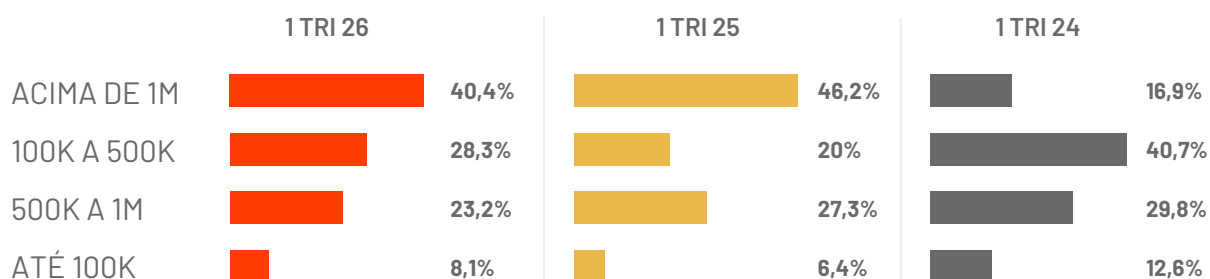
Alvos prioritários

- Uma das maiores inversões do período é a queda nos prejuízos em operações de cigarros, que despencaram de 34,1% no 1T25 para 3,7% no 1T26.
- O levantamento da nstech mostra com clareza que o roubo de cargas no Brasil passou a operar com lógica de portfólio.
- Nesse cenário, cargas como medicamentos ganharam protagonismo, já que oferecem maior valor agregado, liquidez e retorno por operação, enquanto cigarros perderam relevância como alvo prioritário.



Valor da Carga

*Percentual por valor de prejuízo

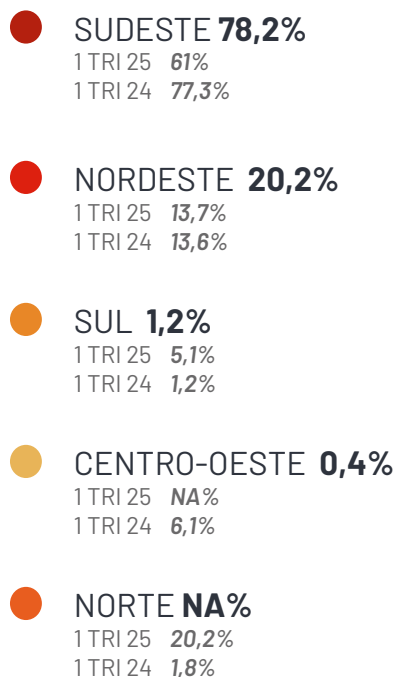


- O 1T26 confirma um movimento crítico: 40,4% dos prejuízos estão concentrados em sinistros envolvendo operações com cargas acima de R\$ 1 milhão.
- Entre as operações desse porte, 44,4% dos prejuízos foram nas operações de transporte de medicamentos.
- Já as cargas até 100k são as menos atacadas. Ou seja, as operações com cargas de maior valor lideram as ocorrências, indicando que o crime está mirando em menos operações, porém com maior valor agregado.



Região do Brasil

*Percentual por valor de prejuízo.



- O Sudeste é o líder histórico no ranking de sinistralidade, indicando que a pressão segue intensa nos grandes centros urbanos.
- No 1T26, a concentração do risco voltou a se intensificar no Sudeste, com prejuízos que saltaram de 61% para 78,2% no período analisado.
- Esse movimento interrompeu uma tendência observada em 2025, quando o risco mostrou forte expansão no Norte.
- No 1T25, a região Norte assumiu percentual relevante na distribuição dos prejuízos por roubo de cargas e revelou um crescimento expressivo em relação ao mesmo período de 2024 (1,8% para 20,2%).
- Em 2026, o desaparecimento do Norte entre as regiões afetadas por roubo de cargas representou o dado mais simbólico, com reversão de 20,2% dos prejuízos no 1T25 para zero no 1T26.
- Já o Nordeste apresentou crescimento de 13,7% para 20,1%, enquanto o Sul perdeu relevância, passando de 5,1% dos prejuízos no 1T25 para 1,2% no 1T26, mesmo percentual do 1T24.
- Os números revelam a mobilidade extrema das quadrilhas, que testam territórios, exploram fragilidades e recuam rapidamente quando encontram resistência.

Rodovia

*Percentual por valor de prejuízo

	1 TRI 26	1 TRI 25	1 TRI 24
TRECHO URBANO	 38,5%	 18,9%	 40%
BR-101	 21,6%	 5,3%	 6,5%
BR-116	 13%	 5,4%	 9,5%
SP-354	 5,6%	NA	NA
BR-040	 4,8%	 5,5%	 0,9%
BA-093	 3,7%	NA	NA
BR-243	 2,2%	NA	NA
BR-304	 1,8%	NA	 0,7%
BR-493	 1,3%	 1,5%	NA
BR-374	 1,2%	NA	 1,7%
BR-381	 0,8%	 1,2%	 5,5%
BR-226	 0,5%	 0,5%	 5,9%
OUTRAS	 5%	 61,7%	 29,3%

- Na comparação entre os primeiros trimestres de 2025 e 2026, o dado mais contundente foi o crescimento dos prejuízos por roubo de cargas em trechos urbanos: um salto de 18,9% para 38,5%.
- O percentual mais que dobrou, mantendo o ambiente urbano como principal epicentro do crime, assim como ocorreu no primeiro trimestre de 2024.
- Entre as rodovias, a BR-101 (5,3% → 21,6%) e a BR-116 (5,4% → 13%) se mostraram críticas, com crescimentos expressivos do prejuízo na comparação entre o 1T25 e o 1T26.
- Enquanto isso, rodovias que apareceram com destaque em 2025, como a BR-010 (20,2%), BR-452 (8,8%) e BR-316 (7,7%) não apareceram entre as dez recordistas em sinistros no primeiro trimestre de 2026.
- Como revela o ranking do local de sinistros, o crime deixou de explorar apenas corredores logísticos, indicando uma mudança de concentração e exigindo mais atenção na última milha.
- Os dados sugerem, em resumo: maior foco em distribuição urbana, alvo em operações mais rápidas e ações direcionadas das quadrilhas em atuação no país.

Estados

*Percentual por valor de prejuízo

RJ

44%

16,4%

17,5%

MG

5,3%

18,4%

11,8%

ES

0,8%

2,6%

1,5%

SP

28,1%

23,6%

46,3%

RN

2,3%

-

0,7%

GO

0,4%

-

1,7%

BA

9,2%

0,7%

2,3%

AL

2,2%

0,2%

-

PR

0,3%

5,1%

0,1%

PE

6,4%

3,9%

4%

SC

0,9%

0,1%

-

■ 1 T26 ■ 1 T25 ■ 1 T24

* Os demais estados não tiveram registros de prejuízos por roubo de cargas no primeiro trimestre de 2026 em operações monitoradas pelas gerenciadoras de risco da nstech.

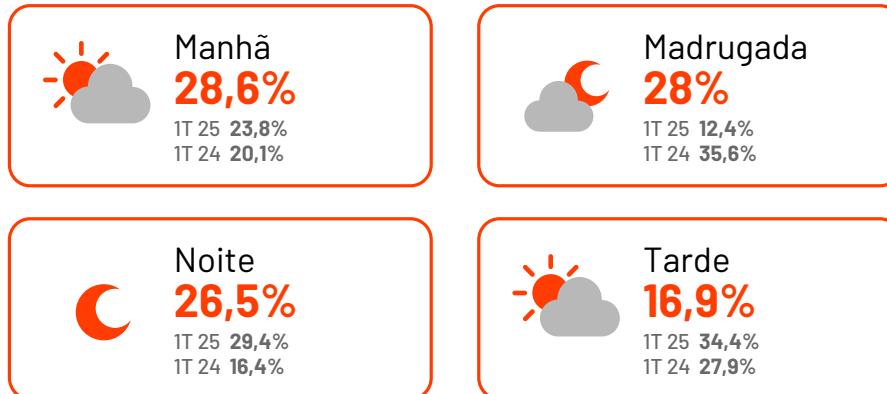
- O 1T26 consolidou o Rio de Janeiro como estado crítico.
- O prejuízo no estado saltou para 44% (vs. 16,4% no 1T25 e 17,5% no 1T24), indicando a migração do crime para uma região com alta densidade logística e operações urbanas intensas.
- São Paulo também cresceu de 23,6% para 28,1%, mas perdeu protagonismo, sendo "ultrapassado" pelo Rio de Janeiro.

- Minas Gerais despencou de 18,4% na participação dos prejuízos para 5,3% no período analisado.
- Os prejuízos na Bahia explodiram, passando de 0,7% no 1T25 para 9,2% no 1T26.
- Ainda no Nordeste, os estados de Pernambuco (6,4%), Rio Grande do Norte (2,3%) e Alagoas (2,2%) registraram crescimento nos prejuízos por roubo de cargas.
- O Pará, no Norte, que liderava com 20,2% no 1T25, desapareceu do ranking em 2026.



Período do dia

*Percentual por valor de prejuízo

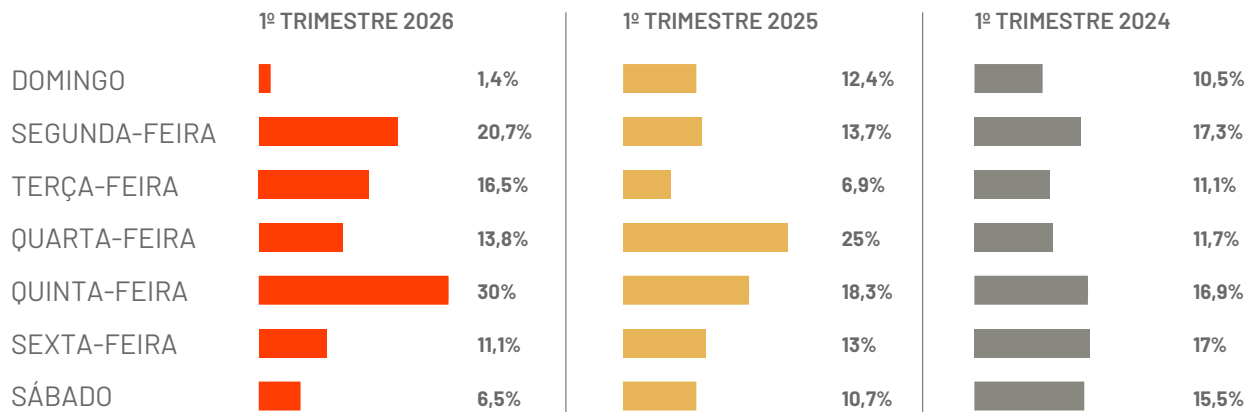


- O período da madrugada registrou forte alta no percentual de prejuízo por roubo de cargas na comparação com o 1T25, passando de 12,4% para 28%.
- As manhãs seguem em trajetória de crescimento desde 2024, saindo de 20,1% no 1T24 para 23,8% no 1T25 e chegando a 28,6% neste ano.
- O período da tarde apresentou a maior queda nos prejuízos, recuando de 34,4% para 16,9%.
- O quadro de 2026 sugere uma distribuição mais pulverizada entre manhã, madrugada e noite, com menor concentração no período da tarde.
- A queda da sinistralidade à tarde e o avanço dos prejuízos na madrugada indicam uma adaptação tática das quadrilhas, sugerindo, por exemplo, que os criminosos buscam menor exposição e maior exploração de janelas operacionais específicas.



Dia da semana

*Percentual por valor de prejuízo



- O calendário do crime mudou novamente, e de forma relevante, com a quinta-feira disparando no 1T26: o percentual de prejuízos neste dia da semana representou 30% do total.
- A segunda-feira, outro dia vulnerável no período analisado, passou de 13,7% para 20,7%, assim como a terça-feira, que saltou de 6,9% no 1T25 para 16,5% no 1T26.
- Já o domingo, que acumulava prejuízos superiores a 10% em 2024 e 2025, apresentou redução drástica no valor sinistrado (1,4%).
- O recorte da criminalidade por dia da semana sugere uma concentração maior dos prejuízos em dias úteis, especialmente no início e no meio da semana.
- Essa dinâmica pode estar relacionada a fatores como: dias de maior volume de carga em circulação, de reposição de estoque e de maior previsibilidade de rotas.



10 insights estratégicos e consolidados sobre o 1T26

1. A distribuição do prejuízo passou a favorecer cargas de maior valor, sugerindo uma mudança no perfil de priorização das quadrilhas.
2. Os medicamentos se tornaram um importante epicentro do risco.
3. Os cigarros deixaram de ser prioridade dos criminosos no 1T26, o que se mostrou uma das maiores inversões do período.
4. O risco voltou para “dentro das cidades” e a última milha representa um ponto vulnerável.
5. O Sudeste segue como o principal epicentro do roubo de cargas no país.
6. O Rio de Janeiro se consolida como principal hotspot do país, uma escalada que vem se mantendo nos últimos trimestres.
7. Rodovias tradicionais, como a BR-101 e BR-116, voltaram ao radar com força.
8. Os criminosos continuam testando e alternando territórios, com mudanças rápidas no modus operandi.
9. O 1T26 revelou que os padrões de horário e dia da semana se tornaram mais dinâmicos e menos previsíveis do que em anos anteriores.
10. A gestão de risco precisa acompanhar a velocidade e as novas dinâmicas do crime.



CENÁRIO MÊS A MÊS

Janeiro 2026

- As cargas fracionadas e de alimentos permaneceram como os principais alvos em janeiro de 2026, somando 69,6% dos prejuízos. O destaque do mês, porém, foi a migração do risco para cargas de maior valor agregado, com forte pressão sobre o segmento farmacêutico, que respondeu por 18,6% do total sinistrado.
- O estado do Rio de Janeiro consolidou-se como o principal hotspot do período, concentrando quase 70% do total sinistrado. Entre os municípios com registros de ocorrência, a capital liderou com 33,7% dos prejuízos.
- Os ambientes urbanos ganharam peso e representaram 36% das perdas, reforçando o risco das operações em áreas de maior circulação, menor previsibilidade e maior exposição em deslocamentos curtos e de alto giro.
- Entre os corredores rodoviários, a BR-101 foi o trecho mais crítico, com 19,4% dos prejuízos, seguida pela BA-093 (13,6%) e pela BR-116 (9,3%). O desenho do risco confirma a concentração em rotas estratégicas que conectam os principais polos de consumo e distribuição.
- Na leitura por rota, os maiores prejuízos ocorreram entre RJ x RJ (18,9%) e SP x RJ (18,7%). O recorte reforça a pressão sobre trajetos de maior densidade operacional e maior previsibilidade criminosa.
- Em termos de faixa de embarque, as cargas de R\$ 100 mil a R\$ 500 mil concentraram 50,1% dos prejuízos, seguidas pelas faixas de R\$ 500 mil a R\$ 1 milhão (25,7%) e acima de R\$ 1 milhão (15,1%).
- Esses dados sugerem que o crime segue mirando cargas de médio e alto valor, com maior potencial de revenda e maior impacto financeiro.
- Em janeiro de 2026, os maiores níveis de exposição ocorreram nas madrugadas (38,3% dos prejuízos), janela típica de menor fiscalização, e nas manhãs (35,7%), período associado ao maior fluxo operacional de distribuição.
- Por dia da semana, a quinta-feira liderou com 25,7% dos prejuízos, seguida de terça-feira (22,4%) e segunda-feira (24,7%).

Fevereiro 2026

- As cargas fracionadas seguiram como o principal alvo, concentrando 22,9% dos prejuízos, seguidas por alimentício (20,6%), eletrônico (15,8%) e medicamento (13%).
- No recorte de local de abordagem, o município do Rio de Janeiro liderou com 26,4% do prejuízo, à frente de São Paulo/SP (17,8%) e Osasco/SP (11,9%). O dado reforça a centralidade do eixo RJ-SP na dinâmica do risco.
- Em fevereiro de 2026, o trecho urbano foi o mais crítico, respondendo por 39,3% das perdas. Em seguida apareceram BR-116 (24,1%), BR-423 (11,4%) e BR-101 (9,8%).
- No recorte por rotas, as operações mais impactadas foram SP x SP (18%), MG x SP (15,8%), RJ x RJ (11,7%) e SP x PE (11,4%), mostrando forte concentração em fluxos interestaduais de alto volume.
- O Sudeste concentrou 76,9% dos prejuízos (sendo 37,5% no estado do Rio de Janeiro), seguido pelo Nordeste (20,8%) e Centro-Oeste (2,3%).
- O intervalo de faixa de embarque mais afetado foi o de R\$ 100 mil a R\$ 500 mil, com 30,5% dos prejuízos. Em seguida aparecem as operações com cargas acima de R\$ 1 milhão (27,7%) e a faixa de R\$ 500 mil a R\$ 1 milhão (25,5%).
- No recorte por período do dia, a manhã foi o momento mais crítico, com 29,6% do prejuízo, seguida por tarde (27,1%), madrugada (24,7%) e noite (18,6%).
- Entre os dias da semana, a quarta-feira liderou com 31,1% dos prejuízos, à frente de segunda-feira (22,6%), quinta-feira (16,3%) e terça-feira (15,1%).



Março 2026

- As cargas fracionadas lideraram os prejuízos em março de 2026, com 38,3% do total sinistrado, mas, no lugar das operações com alimentos (que ocuparam o segundo lugar no ranking em janeiro e fevereiro), as cargas de medicamentos se destacaram.
- Em março, as operações farmacêuticas somaram 27,9% dos prejuízos, confirmando a migração do risco para cargas de maior valor agregado.
- O município do Rio de Janeiro foi, novamente, o ponto de atenção no período, concentrando 16% dos prejuízos entre os locais de abordagem. Na divisão por estados, SP liderou com 34,6%, seguida bem de perto (33,5%) pelo Rio de Janeiro.
- As ocorrências em trechos urbanos voltaram a ser o principal vetor de perda, respondendo por 39,4% do total sinistrado. Entre os corredores rodoviários, a BR-101 liderou com 27%, seguida pela BR-116 (10,8%) e SP-354 (10,5%).
- No recorte de rotas, a concentração permaneceu forte em fluxos com origem ou destino no Sudeste, com destaque para SP x SP (20,5%), MG x SP (12,3%) e RJ x RJ (11,5%). O desenho das rotas reforça o peso dos corredores interestaduais de alto tráfego e alto valor.
- Na faixa de embarque, as cargas acima de R\$ 1 milhão responderam por 58% dos prejuízos (sendo 38,5% correspondentes a operações com medicamentos), seguidas pela faixa de R\$ 500 mil a R\$ 1 milhão, com 21,1% do total sinistrado.
- O período mais crítico em março foi a noite, com 33,2% dos prejuízos, seguida pela manhã (24,7%), madrugada (24,0%) e tarde (18,1%).
- Entre os dias da semana, a quinta-feira liderou com 37,1% dos prejuízos, bem à frente de segunda-feira (18%), terça-feira (14,1%) e sexta-feira (12,5%).



EPICENTRO DO RISCO

Características da criminalidade no Rio de Janeiro

O aumento sistemático da criminalidade no Rio de Janeiro requer análises específicas, por isso, separamos alguns insights que merecem atenção.

Os dados a seguir são relativos ao primeiro trimestre de 2026 e revelam um padrão bastante consistente e preocupante sobre como, onde e quando as quadrilhas atuaram no estado.

As principais conclusões sobre os roubos de carga no Rio de Janeiro são:

- ✓ A capital concentrou 51,9% de todo o prejuízo no estado. Na sequência apareceram as cidades da região metropolitana: São Gonçalo (14%), Nova Iguaçu (9,6%) e Duque de Caxias (9,4%).

Insight: as quadrilhas operaram de forma altamente concentrada e territorial, com foco na Região Metropolitana.

- ✓ 60,7% dos prejuízos no Rio de Janeiro aconteceram em trechos urbanos. Entre as rodovias aparecem a BR-101 (21,5%) e a BR-116 (5,8%).

Insight: o crime está cada vez menos dependente de rodovias e mais inserido no ambiente urbano.

- ✓ As rotas mais críticas foram RJ x RJ (30,8%), SP x RJ (16,4%) e MT x RJ (9,8%).

Insight: as quadrilhas vêm priorizando rotas curtas, internas e as principais entradas estratégicas no RJ.

- ✓ Entre os tipos de carga, os focos foram fracionados (44,3%) e alimentos (34,1%).

Insight: cargas desta natureza são de fácil escoamento, menor rastreamento unitário e alta liquidez no mercado informal.

- ✓ Na distribuição de prejuízos por faixa de valor, o alvo foram as cargas entre 100k e 500k (45,9% do total sinistrado), seguidas pela faixa de 500k a 1M (31,4%).

Insight: cargas muito grandes e valiosas exigem estratégias mais complexas e aumentam o risco de resposta policial.

- ✓ Entre os dias da semana, a atuação teve picos na quinta-feira (25,0%) e segunda-feira (20,2%)

Insight: a atuação no Rio de Janeiro não se limita a “janelas específicas”, mas há concentração nos dias de fluxo logístico mais intenso e maior previsibilidade operacional.

- ✓ Na análise por período do dia, a predominância dos prejuízos foi durante a madrugada (34%) e as manhãs (25,2%).

Insight: embora a madrugada ainda lidere em percentual de prejuízo, quase 66% dos roubos ocorrem durante o dia. Isso demonstra mais ousadia operacional e atuação em ambientes com circulação ativa

Como as quadrilhas operam no RJ

- Os dados do Rio de Janeiro mostram uma atuação cada vez mais estruturada, urbana e orientada por inteligência:
- Forte atuação das quadrilhas na região metropolitana.
- Atuação em áreas urbanas e não apenas em locais isolados.
- Foco em cargas de giro rápido.
- Escolha estratégica de rotas e valores.
- Operações distribuídas ao longo da semana e do dia.

CONCLUSÃO

Do diagnóstico à ação: o que o 1T26 ensina sobre o futuro da segurança logística

O primeiro trimestre de 2026 deixa uma mensagem inequívoca: o roubo de cargas no Brasil entrou em uma nova fase, não apenas mais intensa, mas, principalmente, mais inteligente.

Os dados mostraram uma mudança clara na lógica: o crime deixou de ser predominantemente localizado ou oportunista e passou a operar de forma distribuída, adaptável e orientada por eficiência.

Mais presentes em centros urbanos e em operações de distribuição final, os criminosos se reorganizam com rapidez, testam territórios e ajustam sua atuação conforme as fragilidades do sistema.

A concentração no Sudeste, o protagonismo do Rio de Janeiro e a forte migração para cargas de maior valor agregado, como medicamentos, reforçam esse cenário.

Não se trata apenas de onde o crime acontece, mas de como ele acontece: com estratégia, previsibilidade operacional e foco em retorno. Esse novo contexto impõe uma mudança definitiva na forma de gerenciar os riscos.

Hoje, os modelos baseados apenas em histórico já não são suficientes e o monitoramento isolado não sustenta a operação. Reagir deixou de ser uma estratégia eficaz. É preciso se antecipar.

A antecipação e a prevenção exigem inteligência aplicada, integração, leitura territorial contínua e uso intensivo de dados para identificar padrões, prever movimentos e agir antes que o risco se concretize.

Para a logística, a implicação é direta: quem continua olhando para o problema com a lógica de ontem inevitavelmente reage tarde demais. Por outro lado, quem transforma informação em decisão ganha eficiência, reduz prejuízos e constrói operações mais resilientes.

Em um cenário tão complexo como o transporte de cargas, a segurança logística depende diretamente de tecnologia, análise preditiva, inteligência operacional e atuação integrada.

É nesse ponto que a nstech muda o jogo: conectando dados, processos, pessoas, tecnologias de monitoramento e inteligência para transformar gestão de risco em vantagem competitiva. Por meio da TNS, a nossa rede logística, levamos simplificação, diferenciação a todo o ecossistema logístico.

O crime evoluiu e sua operação também precisa evoluir!

Conte com a nstech para integrar dados, tecnologias e inteligência na gestão de riscos. Acesse tns.ia.br e saiba mais!

nstech

**A maior empresa de software para
supply chain da América Latina.**



Acesse:

nstech.com.br

**Siga-nos nas redes para receber
mais conteúdos e análises!**



/nstechlog